

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, MEMÓRIA E IDENTIDADES: A PRODUÇÃO DE SENTIDOS DO DISCURSO DO IDOSO

Silvane Aparecida Freitas  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

**RESUMO:** Estudar o discurso do idoso, o que ele pensa da velhice, que representações o idoso faz de si e da sociedade numa perspectiva discursiva é produzir significados do que diz e do que é dito desses sujeitos sempre em constituição de identidades. Será na interação e por causa dela que se cria um processo de geração de sentidos, constituindo um movimento de produção de discurso organizado, devido a um contínuo entre interação e condições de produção. No texto verbal, produzimos sentidos não apenas do que está dito, do que está explícito, mas também as formas do dizer permitem uma leitura dos elementos que, mesmo estando implícitos, se revelam e mostram a interação como um jogo de representações em que o conhecimento se dá mediante um processo de negociação, de trocas, de normas partilhadas, de concessões. Nesse sentido, temos como objetivo, neste artigo, analisar o discurso do idoso, re-significar as representações que os idosos fazem de si e da sociedade atual, levando em consideração todo contexto sócio-cultural-ideológico em que estão inseridos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Idoso. Identidades. Discurso. Imagem. Representações.

**ABSTRACT:** *To study the discourse of the elderly, what he thinks of aging, which are representations of themselves and the society is to produce a discursive perspective meanings of what they say and what is said on those subjects where the constitution of identities. Is the interaction and because of it, it creates a sense making process, constituting a movement of organized speech production, due to a continuous interaction between and production conditions. In the verbal text, we produce not only senses of what is said, what is explicit, but also ways of saying allow a reading of the elements that, although implicit, reveal themselves and show the interaction as a set of representations in which knowledge occurs through a process of negotiation, exchanges, shared norms of compromise. In this sense, we aim in this article analyze the speech*

*of the elderly, re-signify the representations that make the elderly themselves and today's society, taking into account all the socio-cultural-ideological in which they live.*

**KEY WORD:** *Elderly. Identity. Discourse. Image. Representations.*

## **Introdução**

O foco de interesse deste artigo é o estudo das identificações do idoso na sociedade atual. Na sociedade brasileira, o número de idosos tem aumentado consideravelmente, graças à redução da taxa de natalidade e à queda do nível de mortalidade. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, de 14/11/2007 “no Brasil, temos 183,9 milhões de habitantes e desse total, 19 milhões são de idosos, ou seja, 10,2% da população brasileira.

O Brasil passa por um processo denominado ‘envelhecimento populacional’, o que representa um Brasil mais sábio, mais experiente. No entanto, a população ainda não sabe o que fazer com essas novas transformações sociais, o que tem influenciado decisivamente nos hábitos das famílias brasileiras e alterado significativamente os seus costumes. Gradativamente, ocorre a segregação do idoso que não tem função ativa no mundo atual. Isso tem gerado um novo comportamento cultural, as famílias sentem a necessidade ou a obrigação de tolerá-los, a sociedade tem incentivado novas estratégias para se conviver com o idoso, atribuindo-lhe novos estereótipos como “terceira idade”, “melhor idade”, na tentativa de dissimular o argumento de que “os velhos já viveram a sua vida”, agora é a vez dos mais jovens.

Foi neste contexto que foi preciso criar o Estatuto do Idoso - Lei nº. 10.741, de 10 de outubro de 2003 - para que a eles fosse assegurada a sua cidadania, os seus direitos, ou até como denúncia de uma situação de opressão do idoso. Contudo tal lei ainda está apenas no desejo, não houve apropriação desse novo discurso, ainda não foi possível colocá-lo em prática, até quando essa impossibilidade persistirá, não sabemos.

Sabe-se que o sujeito se constitui na e pela linguagem, por meio da linguagem, o sujeito revela todos seus valores. Partindo dessa concepção de linguagem, defendemos que estudar a linguagem dos idosos tem um caráter cultural, social e psicológico, é estudar a suas identidades, a sua ideologia, as suas representações. Assim, estudar o discurso do idoso, o que ele pensa da velhice, que representações faz de si e de seus familiares, numa perspectiva discursiva, é produzir significados do que dizem e do que é dito desses sujeitos sempre em constituição de identidades. Será na interação e por causa dela

que se cria um processo de geração de sentidos, constituindo um movimento de produção de discurso organizado, devido a um contínuo entre interação e condições de produção. Sobre isso Brait (2003, p.221) argumenta que:

[...] no texto verbal, não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas do dizer permitem uma leitura dos pressupostos, dos elementos que mesmo estando implícitos se revelam e mostram a interação como um “jogo de subjetividades”, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociação, de trocas, de normas partilhadas, de concessões.

Sabemos que hoje há uma expectativa de maior número de pessoas fazendo parte da fase tardia do ciclo de vida, o que significa que o perfil biopsicossocial do ser humano passa a exigir novos enfoques culturais e sociais. Por isso, torna-se necessário a compreensão do envelhecimento e a promoção das condições de vida dos idosos para que possam cumprir suas tarefas sociais e culturais legitimando sua condição de cidadão, incluindo-o nas diversas instâncias da sociedade civil, sobretudo, superando o modelo deficitário do desenvolvimento mental na terceira idade. (BERTACHINI & GONÇALVES, 2002).

Nesse sentido, temos como objetivo, neste artigo, analisar o discurso do idoso, verificar como se ocorre as representações que os idosos fazem do envelhecimento, de si e da sociedade atual, levando em consideração todo contexto sócio-cultural-ideológico em que estão inseridos.

## **1. Noções de sujeito, discurso, interdiscurso, identidade e produção de sentido**

Na visão discursiva, o sujeito não é somente um indivíduo biológico ou intencional em seu papel social. Este incorpora também a dimensão simbólica e significante, isto é, uma subjetividade constituída por condicionantes inconscientes e ideológicos, resultantes da inscrição deste indivíduo em formações discursivas diversas, as quais se inserem no conjunto do dizível, do interdiscurso.

Nesse sentido, partimos da perspectiva de que todo discurso é heterogêneo, de natureza social, ou seja, é uma forma de co-participação social. Ao nos envolvermos e ao envolver o outro no discurso em determinadas circunstâncias culturais, históricas e institucionais particulares, construímos o significado das ações discursivas. Isso quer dizer que todo enunciado contém uma dialogia interna, fundamental na constituição do sentido e a palavra “é o produto da relação recíproca entre falante e ouvinte, emissor e receptor. Cada palavra expressa o “um” em relação ao outro. (BAKHTIN, 1992).

Investigar o discurso a partir dessa perspectiva é analisar como os participantes envolvidos na construção do significado estão agindo no mundo por meio da linguagem e estão construindo a sua realidade social e a si mesmos. Assim sendo, a construção de identidade social é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares. A identidade não pode ser considerada como um fato já concluído, devemos pensá-la como um processo contínuo, uma produção, que nunca está completa, é constituída sempre dentro da representação discursiva, e por isso é heterogênea por natureza.

No âmbito dos estudos culturais, Woodward (2000) lembra-nos que a identidade é relacional, marcada pela diferença. É, em princípio, o que nos diferencia um dos outros (CORACINI, 2003). No senso comum, diz-se que a idéia de identidade é estável e se constrói a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que partilhamos com outras pessoas, ou mesmo a partir do mesmo ideal. Essa concepção reforça a idéia de homem indivíduo (indiviso), o que no dizer de Coracini (2003), seria aquele dotado de capacidades humanas fixas e de sentimento estável de sua própria identidade, bem como do lugar que ocupa na ordem das coisas.

Neves (2006) argumenta que a descoberta freudiana de inconsciente apresenta uma lógica que funciona na tensão entre desejos recalcados e a busca incessante e sempre adiada da realização desses desejos. Somos levados, então, a conceber os processos de subjetivação que, por estar em construção, nunca é completado. O sujeito está sempre em movimento, sempre em constituição, por isso não há razão para falarmos em identidade no singular, mas em identidades.

Nessa mesma perspectiva, consideramos que a linguagem não é fixa, imutável. Na visão de Bakhtin (1992), a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal e que o ser humano é inconcebível fora das relações que o liga ao outro. A linguagem é interação entre interlocutores e o discurso nada mais é que “palavra em movimento, prática de linguagem” (ORLANDI, 2006, p. 15). Segundo essa autora, na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Observa-se o homem falando, considerando o homem e sua história, os processos e as condições de produção da linguagem, por isso é de suma importância que o analista do discurso relacione a linguagem à sua exterioridade, ou seja, às condições de produção do discurso, ou o contexto sócio-histórico-ideológico.

Necessariamente determinado pela exterioridade, todo discurso remete a outros discursos (memórias do dizer). Assim, a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, segundo Orlandi (1996, p.31),

aparecem como verdades universais e eternas, “é a ideologia que produz o efeito de evidência e dá unidade, sustentando sobre o já dito, os sentidos intencionalizados, admitidos como naturais. Há uma parte do dizer, inacessível ao sujeito, e que fala em sua fala”.

Para a Análise do Discurso, não há sentido sem interpretação. Diante de qualquer objeto simbólico, o homem é levado a interpretar. Pela ideologia, se naturaliza o que é produzido pela história. “A ideologia é interpretação de sentido em certa direção, direção determinada pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários”. (ORLANDI, 1996, p. 31).

Numa perspectiva semelhante, Bakhtin (1992) afirma que ideologia é como o conjunto dos reflexos e de interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras ou outras formas signícas. É a expressão de uma tomada de posição, uma produção de sentido de um determinado sujeito, em determinadas circunstâncias sócio-históricas.

Para esse autor, a palavra é o signo ideológico por excelência, produto da interação social, caracteriza-se pela plurivalência. Por isso é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia, retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes, pontos de vista daqueles que a empregam. Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes.

Ratificando tais pressupostos, Pêcheux também afirma que as palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos se inscrevem. O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo”, mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições são produzidas. (PÊCHEUX, 2009).

Entendemos que a noção de sentidos é dependente da inscrição ideológica da enunciação, do lugar histórico-social de onde se enuncia. Isso envolve os sujeitos em interlocução. De acordo com as posições dos sujeitos envolvidos, a enunciação tem um sentido e não outro(s), pois

[...] o “sentido” de uma sequência só é materialmente concebido na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou aquela formação discursiva[...]. É este fato de toda sequência pertencer necessariamente a uma formação discursiva para que seja “dotada de sentido” que se acha recalcado para o (ou pelo?) sujeito e recoberto por este último, pela ilusão de estar na *fonte do sentido*, sob a forma da retomada pelo sujeito de um sentido universal preexistente. (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, 169, grifos dos autores).

Os dizeres são efeitos de sentidos que são produzidos por um determinado sujeito, em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista do discurso tem de apreender.

Podemos dizer que a ideologia é condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. Segundo Orlandi (1999), o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Assim, o sujeito discursivo é um sujeito social, apreendido em um espaço coletivo, não é um sujeito fundamentado na individualidade, mas um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. A voz desse sujeito revela o lugar social; logo expressa um conjunto de outras vozes integrantes de uma dada realidade social, de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar social.

Mediante o exposto, podemos dizer que o sujeito não possui uma identidade unificada e estável, o sujeito é cindido, é visto contemporaneamente como fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se modificam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 1992).

As identidades são construções social e culturalmente situadas, são formadas na relação inescapável e necessária com a alteridade. Os sujeitos, segundo Grigoletto (2006), possuem identidades fragmentadas em constante mobilidade num mundo (pós-moderno, midiático) em que as referências são cada vez mais cambiantes e fragmentadas e no qual os modelos fixos e perenes deixaram de existir.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que o sujeito constrói as representações da realidade de acordo com o lugar que fala, com suas experiências de vida e sua ideologia. Segundo Jodelet (2002, p.22), as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático e contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social, são construídas no interdiscurso. Essas representações também não são fixas, são dinâmicas, estão em constante mudança e acontecem via identificação.

## **2. A imagem do idoso na sociedade contemporânea**

A definição do que é ser velho na contemporaneidade não é simples, esta definição poderá ter diversos significados, dependendo da representação social que o indivíduo tiver do que é ser idoso. De um estado de silenciamento coletivo sobre a população idosa, estamos passando a um processo de explosão discursiva sobre a chamada terceira idade. Os discursos médicos, os discursos midiáticos, acadêmicos e jurídicos estão emergindo e produzindo uma teia complexa de significados culturais e sociais sobre a velhice no cenário urbano pós-moderno.

Segundo Durigan & Queiroz (2005, p. 114),

A questão do idoso tem ocupado um lugar de relativo destaque em distintos setores da sociedade (televisão, documentos, igreja, escola, filantropia), apresentando-se como mais um problema social a ser enfrentado, seja pelo poder público, seja pela família, pelos diferentes segmentos sociais de iniciativa privada ou pela universidade.

A perspectiva biomédica foi responsável pela construção e fixação da imagem fragilizada e infantilizada do(a) idoso(a). O olhar geriátrico sobre o envelhecimento contribuiu para a negativização do lugar da senescência e a positividade do lugar da juventude. Tais dados acerca da velhice mostram quanto o velho vai sendo subordinado às ciências médicas, que o estigmatizam e o dimensionam sobre o pressuposto das instituições que têm o papel de protegê-lo e guiá-lo. Não pretendemos com isso negar os aspectos biológicos do processo de envelhecimento, mas questionar o seu caráter determinante, o estatuto de verdade do saber médico. (FERREIRA, 2009).

Os estudos sociológicos, antropológicos, psicológicos e econômicos sobre os novos modelos familiares têm revelado o lugar de provedor do idoso brasileiro, e anunciado a necessidade de olhar para o envelhecimento como algo que está na contramão dos discursos infantilizantes e desqualificantes dessa fase da vida, seja ela, a imagem do idoso cuidador. Mais da metade das cidades brasileiras sobrevive à custa da aposentadoria da sua população idosa. Os trabalhos acadêmicos de Alda Motta, Benedita Cabral e Iracema Brandão Guimarães sobre as famílias nordestinas investem na afirmação desta imagem social do segmento idoso. (SILVA et al, 2004).

Esses autores argumentam que um recorte imagético bastante justo para a comunidade idosa diz respeito à performance do idoso narrador, pois o reconhecimento das pessoas idosas como narradores nos remete ao poético texto de

Walter Benjamin, “O Narrador”, no qual ele historiciza o processo de definhamento da arte de narrar e anuncia a morte do narrador nas sociedades modernas.

A invenção do termo terceira idade, em uma representação social da velhice, na visão desses autores, é bastante idealista. O discurso sobre a terceira idade provoca um processo de inversão da ética e estética burguesas, uma vez que desloca o elogio ao trabalho, transformando-o, ora em elogio, ora em ócio; ser velho é sinônimo de começar a viver e sentir prazer. Os aposentados dizem em uníssono: “agora eu vou fazer o que gosto”. Essa representação da velhice consolida a imagem do idoso como a maior protagonista de nossa farsa social.

Investigar as representações dos idosos sobre a velhice, sobre a sociedade atual passa pela análise da formação discursiva desses sujeitos, pelos discursos do sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico. Como afirma FERNANDES (2005, p. 34) sobre formação do sujeito discursivo, “a voz desse sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade social; de sua voz ecoam vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico.” Portanto por meio do discurso do idoso, podemos não só registrar suas experiências de vidas, mas também marcar sua memória na história, refletir sobre seus valores, crenças e costumes de uma dada época.

### **3. As lembranças do idoso: efeitos de sentido**

No projeto de Extensão “Memória e História: a voz dos idosos”, que vem sendo desenvolvido, juntamente com alguns bolsistas da UEMS e FUNDECT-MS, temos procurado dar vez e voz ao idoso. Durante nossas visitas a eles, no Asilo Santo Agostinho de Paranaíba-MS, temos gravado suas histórias de vida, incentivando-os a reativar suas lembranças, a trazer à tona os fatos ocorridos, os causos, lendas, parlendas de sua época. São histórias que revelam todos os valores e costumes de uma época, e que, se não registrarmos, perecerão com o transcorrer das gerações

Dentre os diversos relatos destacamos algumas lembranças que demonstram a visão de mundo de JG, um conflito de ideias entre o passado e o presente.

Naquele tempo não existia as tecnologias que existe hoje, por isso as pessoas tinham outra mentalidade, com o aparecimento da luz elétrica e tudo o que ela proporciona como a televisão, as notícias, a moda, as pessoas perdeu o interesse nas reuniões de fim de tarde, onde se falava desde assuntos de família até as

anedotas, as piadas, os versos, as histórias populares que como consequência ficou esquecidas e foram substituídas pelas novelas e os causos da atualidade.

A maneira como as pessoas se divertiam antigamente eram outras, não havia tantas bebidas como hoje e nem drogas, o namoro de antigamente era coisa séria, os namorados só se comunicava por olhares, sinais e gestos, nem pegar na mão podia, contato físico só depois do casamento.

Hoje quando o homem está apaixonado e não é correspondido, ele bebe fica violento, briga. Antigamente, o homem apaixonado escrevia cartas de amor, poesias, versos, fazia serenata, tudo para conquistar a mulher amada.

Antigamente havia mais amor e mais respeito no coração das pessoas, os casamentos eram para a vida toda, e quando acontecia separação, a mulher ficava mal vista e ganhava nome de mulher à-toa. (JG)

Nesse discurso, percebe-se a presença do saudosismo (naquele tempo), a valorização aos costumes do passado, a negação do novo (neste caso, a tecnologia) estão bem marcados em seu posicionamento. Percebe-se que JG faz um contraponto entre o moderno e o antigo, oportunidade em que ele traz o moderno (a tecnologia) como algo negativo *versus* o mundo do passado, como algo bom. Sendo a modernidade a responsável pelo distanciamento entre as pessoas: “com o aparecimento da luz elétrica e tudo o que ela proporciona como a televisão, as notícias, a moda, as pessoas perdeu o interesse nas reuniões de fim de tarde” (JG).

Para reforçar sua argumentação JG traz a exaltação à forma de namoro do passado, em que se escreviam cartas de amor, poesias, havia romantismo e respeito à mulher amada. Enquanto que hoje o que impera é a bebedeira, as brigas e a violência nos namoros não correspondidos.

JG, ao enunciar suas lembranças, marca seu posicionamento atual. De imediato, percebemos seu posicionamento em prol do mundo antigo, pois o mundo sem a tecnologia era melhor, as pessoas dialogavam mais “as pessoas perdeu o interesse nas reuniões de fim de tarde, onde se falava desde assuntos de família até as anedotas, as piadas, os versos, as histórias populares que como consequência ficou esquecidas e foram substituídas pelas novelas e os causos da atualidade”. Isso nos remete aos pressupostos de Benjamin (1994, p. 200) ao afirmar que “a arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”. Baseando-se nesse autor, Silva et al (2004) afirmam que

A era informacional destruiu a arte de narrar, o compartilhar de experiências pessoais. Essa troca intergeracional foi dizimada pela civilização de barbárie que o capitalismo instaurou, substituindo o tempo processual vivido pelo tempo eventual medido. A razão técnico industrial desqualificou as artes manuais. (SILVA et al, 2004).

Percebemos, então, que um pré-construído determina o discurso de JG, que algo é falado antes desse discurso. No discurso atual de JG, temos um outro, o já dito, os outros discursos sobre a negatividade da tecnologia que percorre o senso comum na sociedade contemporânea. Nesse sentido, as teorias da AD dizem que algo sempre fala antes e alhures.

O pré-construído [...] corresponde ao “sempre-já” desprendido de um sentido: não há naturalidade no significante; o que cai enquanto significante verbal, no domínio do inconsciente está “sempre-já” desligado de uma formação discursiva que lhe fornece seu sentido, a ser pedido no *non sens* do significante. (PECHÊUX, 2009, p. 164, grifos do autor).

Na visão desse autor, será a interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma de universalidade (“o mundo das coisas”). Em termos filosóficos, o que está em questão é a posição segundo a qual os sujeitos falam a partir do já dito - e isso é exatamente o que o interdiscurso lhes põe à disposição e/ou lhes impõe como verdade absoluta. Não deixando de ressaltar que JG, ao afirmar que os casamentos de antigamente eram para a vida toda, remete-nos ao interdiscurso de que hoje os casamentos não são para a vida toda, e isso é consequência do mundo moderno, do distanciamento e o desrespeito entre as pessoas. Nesse discurso, temos a crença nas instituições, a valorização das instituições, no caso, o casamento. No discurso de JG, temos o já dito: “hoje os casamentos são desfeitos à-toa, antigamente, isso não ocorria”.

Verificamos, nesta passagem, rastros dos aparelhos ideológicos do estado (AIE), como podemos constatar na seguinte passagem de Althusser:

[...] o exército, a polícia, os tribunais, os presídios etc, constituem o que doravante denominaremos de Aparelho Repressivo de Estado. O ‘repressivo’ sugere que o Aparelho de Estado em questão ‘funciona pela violência’. [...] Daremos o nome de Aparelhos Ideológicos de Estado a um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. [...]; o AIE religioso [...]; o AIE escolar [...] (ALTHUSSER, 1996, p. 114).

Nós aqui acrescentamos instituições como o casamento (mencionado por JG) que nos foi imposto como forma de legitimar uma união estável perante o Estado e a Igreja, uma maneira de conservar o capital da burguesia. Pêcheux (2009), por sua vez, retoma o conceito de Aparelho Ideológico de Estado (AIE), para fixar o lugar da ideologia na construção de sua teoria do discurso. Para ele, o Aparelho Ideológico de Estado não são a expressão da ideologia dominante (burguesa), mas o *local* e o *meio* para a realização da dominação (PÊCHEUX, 2009, p. 143), ou seja, a ideologia dominante é propagada nos discursos das igrejas e escolas, com o intuito de *interpelar* os indivíduos como sujeitos, com o fito de “mascarar” – no sentido marxista do termo – a “realidade”, e dar continuidade à *reprodução das condições de produção* (ALTHUSSER, 1996); que sustenta a posição da classe dominante no sistema capitalista: “está claro que é nas formas e sob as formas da sujeição ideológica que se assegura a reprodução da qualificação da força de trabalho” (ALTHUSSER, 1996, p. 109). Portanto, verificamos aqui a sujeição de JG aos AIE, sujeição a um costume imposto pela burguesia e que ainda hoje é considerado como legítimo, portanto, no discurso de JG não há somente uma recusa às tecnologias do mundo moderno, mas uma recusa às transformações socioculturais.

Além disso, na passagem “[...] e quando acontecia separação, a mulher ficava mal vista e ganhava nome de mulher à-toa”, verificamos que o discurso machista de desvalorização da mulher é bastante marcado, pois no imaginário social a mulher separada é/era considerada “à-toa”. Ele não mencionou que o homem separado pudesse ter essa conotação.

Portanto, podemos afirmar que quando o sujeito faz uso da linguagem, ele se desnuda, revela seus valores, conceitos, pré-conceitos. Cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica, e cada forma de discurso social corresponde a um grupo de temas. Portanto, todo discurso, como signo ideológico, está marcado pelo horizonte social de uma época ou grupo social determinados. A questão de se ver a mulher separada, como mulher à-toa, remete-nos a uma época mais machista que a de hoje em que a mulher ainda não havia saído em busca de seu espaço social.

Percebe-se, portanto, que há toda uma ideologia cristalizada na sociedade que vem sendo difundida há gerações. Nesse sentido, Haddad argumenta que

[...] a ideologia da velhice é elemento fundamental à reprodução das relações capitalistas na medida em que a produção capitalista implica a reprodução de idéias, valores, princípios e doutrinas, o conjunto de representações sobre a etapa

final da vida humana é organizado segundo as determinações básicas do modo capitalista de produção. (HADDAD, 1986, p.16).

Sabemos que a representação social, na visão de Moscovici (apud DOTTA, 2006, p. 17), “[...] é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou uma ligação cotidiana de trocas e liberam os poderes de sua imaginação”.

Pelos relatos de JG, percebemos que as representações que ele tem do mundo moderno e da tecnologia é bastante negativa, já que esta é a responsável por todos os males da modernidade. Assim, podemos afirmar que a imagem que esse idoso (A) tem da modernidade (B) é de uma grande resistência ao novo, uma vez que (B) tirou-lhe as imagens de um passado romântico, perfeito; tirou-lhe a juventude; a força de trabalho; a fantasia; a beleza da vida, a esperança por dias melhores.

As representações sociais são vistas por Moscovici como entidades quase tangíveis, já que circulam, cruzam e se cristalizam continuamente por meio de falas, gestos, encontros no universo cotidiano. O sujeito produzido por essas tecnologias não é a projeção de um ‘eu’ que tem substância e coerência internas e perenes: ao contrário, os efeitos de interioridade psicológica são constituídos por meio da ligação dos humanos a outros sujeitos e práticas, multiplicidades e forças. (ROSE, 2001). Por isso os dizeres de JG são reflexos dos diversos dizeres circulados e já cristalizados em nossa sociedade.

Nesse sentido, a idéia de mudança, de transformação, de movimento na história é vista de forma tão negativa entre os idosos que há os que afirmam que as mudanças ocorridas na terra tenham atingido até o além.

Passamos, a partir de agora, para a análise dos relatos de (MF), uma senhora que vive no Asilo há cinco anos.

Antigamente, acontecia muito de as pessoas depois de morrerem, aparecerem entre os vivos manifestando seus desejos. Hoje em dia, não existem mais essas aparições, acho que a mudança ocorrida na terra atingiu também o além. (MF).

MF busca na memória discursiva a lembrança de que no passado havia muitas aparições de mortos, no entanto, hoje, com as mudanças ocorridas no mundo, já não se vê mais aparições de pessoas mortas. Ela busca em sua formação discursiva, as crenças de um passado recente para ela. MF ao materializar seu discurso remete-nos ao imaginário social de que a modernidade

destruiu as crenças das pessoas, já que as pessoas hoje afirmariam não ver mais assombrações/aparições de mortos na atualidade.

Por meio do discurso de MF, podemos perceber o quanto a linguagem é viva, dinâmica, representa a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos como parte de suas vidas. Por isso tem a ideia de curso, de movimento. Isso fica-nos mais evidenciado quando MF relata:

Tenho pouca leitura, pois no meu tempo não havia escolas rurais e nem transportes escolares como hoje em dia, o pouco que sei foi aprendido com pessoas que me ensinaram em casa mesmo, escola era só para os filhos do patrão que às vezes permitia que alguma criança da fazenda assistisse às aulas de seus filhos, ou seja, o patrão pagava um professor para ensinar seus filhos e nós filhos dos empregados de vez em quando assistíamos essas aulas, não tínhamos muito tempo, pois a função das meninas era ajudar nossas mães nos serviços do terreiro, como cuidar da casa ajudar na produção de farinha, polvilho, socar arroz no pilão, levar as refeições na roça para os peões. Serviço este que corríamos grande risco de vida, pois havia onças nas matas. Já presenciei uma onça atacar um cachorro, foi horrível, mas graças a esse cachorro, nós crianças escapamos das garras da onça, pois aproveitamos e corremos. Era comum deparar com manadas de bichos como catetos, capivaras, queixadas. Tinha que matar os bichos, senão eles comiam toda a lavoura, costumava-se levantar de madrugada para espantar os animais das plantações. Hoje esses animais estão em extinção. O mundo está mudado e a natureza revoltada. A culpa é das pessoas que em nome do progresso mudou tudo. Antigamente os meios de transportes mais comuns eram o carro de bois, o cavalo e por isso não havia tantas mortes por acidentes como acontecem hoje. As pessoas rezavam mais, por isso não havia tantas violências. O progresso trouxe graves conseqüências para a humanidade como vai acabar tudo isso? Antigamente era melhor. (MF).

Neste relato, temos quatro ideias desenvolvidas, todas no intuito de comprovar que antigamente tudo era melhor. As lembranças de MF, primeiramente, nos remetem à forma de escolarização do passado. Comprovam que quem estudava naquela época, era somente o filho do patrão, que pagava um professor para seus filhos e, assim, continuava a perpetuação da classe dominante, colocando os meios de poder nas mãos de alguns.

Assim, ao verificarmos as condições de produção desse discurso, segundo Maingueneau (1993, p.14), não basta “examinar um corpus como se tivesse sido produzido por um determinado sujeito, mas de considerar sua enunciação como correlato de certa posição sócio-histórica na qual os enunciadores se revelam substituíveis”.

As condições de produção do discurso não devem ser entendidas apenas como sendo a situação empírica do discurso que está em jogo, mas sua representação no imaginário social. Os protagonistas do discurso não devem ser considerados apenas como seres empíricos, mas também como representação de lugares sociais. No caso, MF representa o lugar da menina (gênero feminino), filha do empregado da fazenda, não tendo direito à escolarização por dois motivos: uma por ser filha do empregado, outra por ser mulher e ter de ajudar nos afazeres domésticos.

Num segundo momento, as lembranças de MF nos remetem à divisão de trabalho entre homem e mulher, “a função da menina, era ajudar nossas mães nos serviços do terreiro, como cuidar da casa ajudar na produção de farinha, polvilho, socar arroz no pilão, levar as refeições na roça para os peões” (MF). Isso nos remete ao jogo de imagens de Pêcheux (1969/2009), quando o autor coloca em cena os protagonistas do discurso, procurando definir as condições de produção do discurso em conformidade com a ação das regras e normas que os interlocutores estabelecem entre si e dos lugares determinados que ocupam na estrutura de uma formação social. Assim, a imagem que MF faz de si, é de ser mulher e filha de empregado, portanto, não tinha direito de estudar, pois seu lugar social não permitia, e por ser mulher tinha funções bastante diferenciadas das do homem, as funções domésticas e o servilismo ao homem que estava no trabalho (na roça).

Podemos afirmar que do lugar que (MF) ocupa na estrutura social, ela já projetou o lugar social dos filhos do patrão, portanto, o jogo de imagem entre esses interlocutores está estabelecido, determinado previamente pela estrutura social. Por isso, podemos afirmar que aquele que fala o faz de um lugar determinado, que regula o seu dizer. Todo discurso remete à formação discursiva a que pertence, sendo regido por essa prática.

Num terceiro momento, temos o sentimento ecológico, as mudanças trouxeram prejuízo à natureza, que está revoltada por isso. Percebe-se que MF faz uma leitura do mundo a sua volta. Pela sua leitura a natureza está revoltada, ela aqui não diz que Deus vai castigar o homem, mas que a própria natureza o castigará, ou o próprio homem. Consegue fugir do discurso de religiosidade, busca em suas lembranças os problemas ecológicos que estamos enfrentando. Não está dito que MF traz uma interpretação verdadeira para a questão, mas é questão de colocar o texto em processamento, é a forma que ela tem de se posicionar, buscar fatos vivenciados para justificar seu posicionamento. Assim, o trabalho do analista sobre o processo do texto “torna-se possível a não-transparência ao olhar sujeito, acentua o efeito da alteridade aí inscrito e leva

o sujeito a perceber-se significando na relação com os sentidos”.(ORLANDI, 2008, p. 50).

Se ao falar da natureza, MF tenta fugir do discurso religioso comum, ao falar da violência humana, MF não deixa de culpar a falta de religiosidade das pessoas, a falta de reza “As pessoas rezavam mais, por isso não havia tantas violências”. Isso porque ela busca em suas lembranças, na memória discursiva da sociedade, o interdiscurso da falta de religiosidade, fruto da sociedade capitalista que transforma as pessoas em mercadoria, objeto, onde o mundo racional impera. (HADDAD, 1986).

Assim, podemos afirmar juntamente com Maingueneau (1993) que o texto é um processo de reconfiguração incessante na qual uma formação discursiva é levada a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela. Com esses elementos, ela provoca uma redefinição e redirecionamento, e suscita, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, ao mesmo tempo que provoca o apagamento, o esquecimento ou até mesmo a denegação de certos elementos.

## **Considerações finais**

Diante do exposto, podemos afirmar que todo discurso representa um deslocamento nas filiações sócio-históricas de identificação, que, por sua vez, também é efeito. É importante salientar que ao fazermos uso deste ou daquele discurso não estamos apenas repetindo um discurso, mas deslocando-o para outra dimensão sócio-histórica, e, por isso, novos sentidos são construídos, pois as circunstâncias enunciativas são outras.

Nos fragmentos de discurso do idoso aqui analisado, verificamos tanto a repetição do discurso institucionalizado, o discurso da moral e dos bons costumes presentes no saudosismo, como um deslocamento, uma mexida na história, quando afirma que a natureza está revoltada, que o progresso modificou o além, pelo fato de não termos mais aparições (assombrações). Podemos afirmar que o discurso dos idosos desta pesquisa é atravessado de repetições e deslocamentos. Repetição - porque é a apropriação de um já dito, trazido para um novo contexto - e deslocamento - porque todo discurso é repetição e ao mesmo tempo deslocamento, uma vez que dá lugar à reinterpretação, ao equívoco, à re-significação e a outras reflexões teóricas. (ORLANDI, 2001).

Portanto, pela memória desses idosos, podemos perceber que as representações que eles fazem da sociedade contemporânea e de si mesmos estão em consonância com a visão de mundo que eles possuem do momento socio-

histórico vivenciado, dependendo de sua visão de mundo, são as reflexões que ele faz da sociedade em que ele vive

## Referências

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1996.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- BENJAMIM, W. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRAIT, B. O processo interacional. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 2003, v.1, p.215-244.
- BRASIL. *ESTATUTO DO IDOSO*. Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Brasília. 2003.
- CARDOSO, S. H. B. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte; Autêntica, 1999.
- CORACINI, M. J. *Identidade e discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- DELGADO, L. de A. N. *História Oral: memória, tempo, identidades*. São Paulo: Autêntica, 2006.
- DOTTA, L. T. *Representações sociais do ser professor*. Campinas; editora alínea, 2006.
- DURIGAN, M. & QUEIROZ, I. A. Discurso sobre a velhice: da campanha da fraternidade ao Estatuto do idoso. In: GUERRA, V. M. L. *Olhares interdisciplinares na investigação sobre linguagem*. Cuiabá: Editora UNEMAT, 2005.
- FOUCAULT, M. *A ordem do Discurso*. São Paulo (SP): Edições Loyla, 1996.
- HADDAD, E. G. M. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.
- JODELET, D. Representações sociais : um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). *As Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 2ª ed., 1993.
- NEVES, Moralice Souza. O processo identificatório na relação professor-aluno na aprendizagem de língua estrangeira. In: MAGALHÃES, Izabel; GRIGOLETTO, Marisa; CORACINI, Maria José. *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Clara Luz, 2006.

- ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. Identidade Lingüística escolar. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). *Lingua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 6ª Ed., 2006.
- \_\_\_\_\_. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2008.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. 4ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- ROSE, Nikole. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomás Tadeu (Org). *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 1996.
- SILVA, K. Q. et al. O (a) Idoso (a): Uma Face e Uma Voz Interditadas pela Família e pela Escola, em Campina Grande. In: *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*. Belo Horizonte, 12 a 15 de setembro de 2004.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. *Identidade e diferença*. São Paulo: Vozes, 2000.